

DEFUNTO GLORIOSO

Daily Luiz Wambier

É muito dos nossos hábitos dizer bem das pessoas que desaparecem do nosso convívio, levadas pela Morte. Não importa que o falecido tenha sido um autêntico canalha, dêsses de que o mundo moderno anda cheio. Não importa que o finado haja pautado os seus atos,

em vida, sob as influências deletérias do egoísmo, do orgulho ou da maldade. Morto o patife, todo mundo passa a tecer-lhe encômios, enaltecendo qualidades que nunca existiram e proclamando virtudes que jamais exornavam o caráter do morto. O simples fato de a Morte o haver conduzido para o Além é motivo suficiente para que esqueçamos perfídias, para que olvidemos ruindades e nos deslembramos de tôdas as canalhices praticadas, em vida terrena, pelo defunto.

É um hábito condenável, não obstante a maioria de nossa gente o adotar como norma de vida em face da morte.

De minha parte, confesso que nunca espousei esse ponto de vista e por isso mesmo jamais poupei morto que tivesse sido salafrário, com desvios graves em sua existência por estas regiões do Universo. Maldade? Creio que não. Penso que o desaparecimento de uma pessoa não é nem pode ser razão bastante para que digamos que o preto é branco, o errado é certo, o mal é bem. Os vocábulos de que nos utilizamos para retratar o vivo têm o mesmo sentido e valor que as palavras que usamos para nos referir a ele, depois de morto. Senão, de que modo poderíamos aludir ao homem de bem quando ele morre, se as palavras têm significado inverso?

É bem verdade que, segundo se diz, a morte costuma forçar os vivos a esquecer o lado ruim da criatura, sob o fundamento de que essa atitude representa a última homenagem àquele que se foi para sempre. Nem olhando o caso através desse ângulo eu dou razão aos que pensam assim, e não me tenho na conta de cruel ou desumano. Mesmo quando penso na morte — e quem não o faz? — não me inclino à indulgência hipócrita, emprestando virtudes a quem não fez nenhum caso delas. A verdade antes de tudo.

E aqui não se trata, é bem de ver, de a gente arvorar-se em juiz dos outros. Ninguém pode julgar os seus semelhantes, pois isso é atributo de Deus, que é puro, e não das criaturas, que são impuras.

Esconder mazelas alheias, todavia, não é julgar, e apontá-las, ou melhor, não as esconder, também não constitui julgamento.

Com essas linhas eu queria falar a respeito de um

morto diferente, ante cuja memória o mundo inteiro se prosterna, reverente. De um desaparecido que só possuía virtudes e que está fazendo enorme falta para todos os povos do globo: Franklin Roosevelt.

O imenso F. D. R., sem dúvida o maior estadista que atuou neste século tão estranho, inquieto e convulsionado, é um defunto que deixou uma lacuna impreenchível, não só para os Estados Unidos, mas também, e principalmente, para os outros povos, dentre os quais a gente dêste hemisfério.

Esfarelou-se, praticamente, a sua extraordinária política de boa vizinhança, em cujo solo o Ocidente poderia edificar o "mundo melhor" à procura do qual F. D. R. sempre andou. Os que o sucederam falharam e não conseguiram, assim, continuar a política que era a menina dos olhos de Roosevelt, capaz de resistir a todos os impactos que lhe fôsem endereçados, viessem de onde viessem. Truman não pôde manter, no mesmo nível, essa política como F. D. R. a teria mantido. E Eisenhower a extinguiu tão logo se investiu das mais importantes funções públicas do mundo de hoje.

E a última demonstração dada pelos Estados Unidos está no fato de haverem negado "visto" ao passaporte de José Lins do Rêgo, que desejava visitar seus filhos, na América do Norte. Sim, negativa, pois doutra maneira não se pode receber a atitude inamistosa de que se trata, retardando, sob pretextos inconcebíveis, a necessária licença para que Zé Lins pudesse entrar livremente na pátria de Roosevelt, a mesma nação que possui a magnífica estátua da Liberdade.

A simples circunstância de o autor de "Menino de Engenho" ter filhos estudando nos Estados Unidos é demonstração bastante para dizer que o escritor nutria admiração por esse país, pois que, do contrário, seus filhos lá não estariam se educando.

A reconsideração do ato inamistoso não teve o poder de desfazer a injúria assacada contra Zé Lins nem de amortecer a repulsa sentida pela totalidade dos intelectuais brasileiros.

É lamentável o registro desse episódio, mas ele ocorreu e é preciso, assim, que nos manifestemos contra ele, em obediência ao que o grande morto nos ensinou.

F. D. R. — que é defunto glorioso de muitos merecimentos e grandes virtudes, criadas em vida — está fazendo falta.